

UNIVERSIDADE

I PARTE



Tempo de mudança

Texto de Teresa Sá Nogueira
Fotos de Alberto Muianga e Arquivo

O calendário escolar da Universidade Eduardo Mondlane foi alterado: as aulas do 1.º ano começam em Julho e vão terminar em Junho do próximo ano.

Abre pela primeira vez a Faculdade de Arquitectura, na rua da Argélia, que já conta com 30 estudantes inscritos. E reinicia-se o curso de Direito no 3.º ano, para os alunos que em 1983 o interromperam, quando a Faculdade de Direito foi encerrada.

A Faculdade de Agronomia vai iniciar também um projecto-piloto em cooperação com a Holanda e prepara a sua transferência para a zona do Umbelúzi: a movimentação dos alunos do 3.º ano principiará em 1987. Em 1990 deverá estar concluído o seu novo edifício. A Faculdade de Engenharia anuncia a abertura do curso de Engenharia de Minas, no próximo ano.

A mudança do calendário escolar, este ano, trouxe um brinde inesperado aos estudantes que concluíram a 11.ª classe em Dezembro: umas férias de 6 meses, com que

não contavam. E vai atrapalhar a vida daqueles que «chumbaram» em uma ou duas cadeiras no 1.º ano, que terão por sua vez mais 6 meses de aulas. E pelo novo cur-

riculo, a reprovação em três disciplinas implica perda do ano inteiro.

Este novo ano lectivo, a partir de Julho, irá ser mantido daqui em diante e não afecta os jovens matriculados em outros anos, que continuarão com o regime antigo. Mas todos aqueles que entrarem a partir deste ano estarão sujeitos ao novo calendário escolar.

O dr. Mouzinho Mário, chefe da Divisão Pedagógica da UEM, que se ocupa de todas as questões de planificação curricular, explica que muitas foram as razões que levaram a esta alteração: «Tem-nos sido impossível receber a tempo os estudantes das províncias, que às vezes nos chegam aqui em meio de Maio. No ano passado houve até necessidade de se fazer uma turma extra com os retardatários da Educação. É que há sempre atrasos no processo de selecção dos jovens que concluem a



Responsáveis da UEM sentaram-se em volta de uma mesa para explicar as alterações do ensino superior, este ano. A maior novidade é a mudança do calendário escolar

11.ª classe, há problemas de comunicação entre as províncias, falta de transportes... e há o recenseamento».

Quatro escolas no país prepararam os jovens para a Universidade: a Francisco Manyanga, de Maputo; a Samora Machel, da Beira; a 1.º de Maio, de Nampula, e a 25 de Setembro, de Quelimane. Para o ano, a do Chokwè passará também a ter as 10.ª e 11.ª classes. E os alunos que estudam nessas escolas muitas vezes vêm de longe, de outras províncias, e quando terminam as aulas regressam a casa.

«Só depois de seleccionados são reunidos e enviados a Maputo — diz o dr. Mouzinho Mário. É um processo moroso. As comunicações são muito difíceis, as linhas aéreas não conseguem escoar os alunos a tempo. Todos esses factores



O bacharel Carlos Alberto Natividade, responsável da Divisão do Corpo Docente tem a seu cargo este ano 220 professores estrangeiros e 160 nacionais

têm contribuído para que os nossos estudantes cheguem aqui muito tarde, comprometendo seriamente todo o programa de recuperação do 1.º semestre».

ACTIVIDADES DE JULHO

«Ponderada esta situação, e também pelo facto de que a Universidade, a partir deste ano, não está sozinha a receber os alunos graduados do ensino pré-universitário (vai abrir o Instituto Superior Pedagógico, a «Escola de Diplomacia» e o Ministério da Defesa Nacional precisa de quadros), e visto que em inícios de Março a selecção ainda não tinha sido feita, então foi proposta a alteração do calendário escolar».

Segundo explicou o dr. Mouzinho, as «férias de verão» mantêm-se iguais, para que o aluno não tenha aulas no período mais quente: de 16 de Dezembro a 13 de Fevereiro encerram-se as classes. Depois, o 2.º semestre irá até 17 de Junho. Dessa data em diante e até ao fim de Julho continuarão a existir as «AJUS».

«Portanto — sublinha — o calendário é alterado somente em termos de início, mantendo-se a sequência de todas as outras actividades».

Por razões de segurança, não tem sido possível aos alunos da UEM afastarem-se de Maputo, nos trabalhos de Julho. Os estudantes têm sido distribuídos por empresas da cintura industrial da cidade, ou pelas suas zonas ver-

des, o que bastante os tem prejudicado.

«O ritmo dos trabalhos não parou, mas diminuiu bastante — diz o director da Faculdade de Agronomia e Engenharia Florestal, professor José Rodrigues Pereira — dantes, os nossos alunos faziam 8 a 10 deslocações por ano. Hoje saem uma ou duas vezes para as zonas verdes, o que afecta grandemente o rendimento do seu trabalho, nas práticas de campo».

Na verdade, não se podem estudar florestas no Maputo.

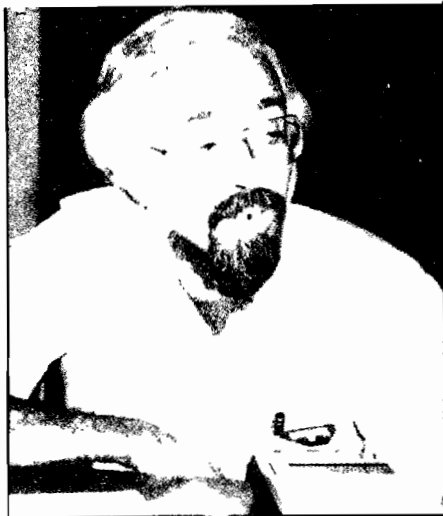
AGRONOMIA A MUDANÇA

Um dos grandes problemas da Faculdade de Agronomia é que o local onde está instalada nada tem a ver com o calendário das machambas. E não é possível estudar-se agricultura sem se fazer trabalho de campo. «E assim estamos agora a projectar a transferência da Faculdade para uma zona agrícola, que será o Umbelúzi. Para o próximo ano já os nossos alunos do 3.º ano passarão para lá. A construção da nova Faculdade terá início agora e em 1990 já estaremos todos instalados em casa nova».

Falando acerca da sua Faculdade, o director explica que desenvolve um currículo para três cursos: um curso de agronomia, com opção em produção e protecção vegetal, um outro de agronomia com opção de engenharia rural e



O director da Faculdade de Engenharia, professor Carmo Vaz, espera receber este ano 140 alunos. Menos 50 do que no ano passado. O Chamamento da Pátria foi atendido por muitos jovens



O professor Rodrigues Pereira, director da Faculdade de Agronomia e Engenharia Florestal, vai iniciar este ano uma experiência-piloto em cooperação com a Holanda, na área da formação básica

um terceiro de engenharia florestal. Leva também a cabo trabalhos de investigação, parte dos quais estão articulados com algumas das prioridades que existem a nível da agricultura e das florestas do país.

«O número actual dos nossos estudantes é de 160, não incluindo os 80 que devemos receber em Julho. Temos 39 docentes, dos quais 13 são moçambicanos, 46 trabalhadores permanentes e, em termos de actividades de campo, mais 20 trabalhadores eventuais».

Uma experiência-piloto vai ser iniciada este ano naquela Faculdade. «Trata-se de um projecto de cooperação com uma universidade holandesa, a Universidade Livre de Amsterdão, que tem muita experiência de trabalho com a África Austral, e que vai colaborar connosco no desenvolvimento da formação básica na área de Agronomia» — explica o professor Rodrigues Pereira.

Esta experiência estender-se-á no próximo ano às Engenharias e depois de uma avaliação final será generalizada a todos os cursos em 1988. Virá uma equipa de professores holandeses, todos eles com perfeito domínio da língua portuguesa. O que não impede que os alunos tenham que falar bem inglês. «Pela nova reestruturação curricular, todos os alunos do 1.º e 2.º anos têm o inglês como disciplina obrigatória. Quase todos os livros do curso são em inglês. Se o aluno não tiver bons conhe-

cimentos de inglês não poderá avançar».

CICLO DE OBSERVAÇÃO

«Pelo novo currículo — explica o dr. Mouzinho Mário — o 1.º semestre é destinado a nivelar e recuperar os conhecimentos básicos do aluno. Os jovens já nos chegam aqui distribuídos pelos ramos em que fizeram a sua opção. Nós, aqui, durante o ciclo de observação, que é de 3 a 4 semanas, explicamos exactamente o que são os cursos, qual a sua natureza, exigências e características profissionais. Aplicamos testes de diagnóstico e analisamos toda a informação do seu rendimento escolar anterior. Depois, com base em tudo isto, vimos juntamente com o aluno qual o curso que melhor lhe convém. Quase sempre mantemos a escolha do aluno».

Nos primeiros anos a seguir à Independência, os jovens não tinham possibilidade de escolha. Quase todos eram encaminhados para a Educação, dada a enorme carência de professores que havia no país. «E ainda existe — sublinha o professor Mouzinho Mário. Penso que um dos grandes problemas da falta de interesse dos jovens pela carreira docente é a falta de condições dessa profissão. Acho que a carreira de professor deverá ser valorizada e não só com palavras, mas com acções concretas. A carreira de docente, assim, não atrai. É sempre um problema muito difícil arranjar alu-



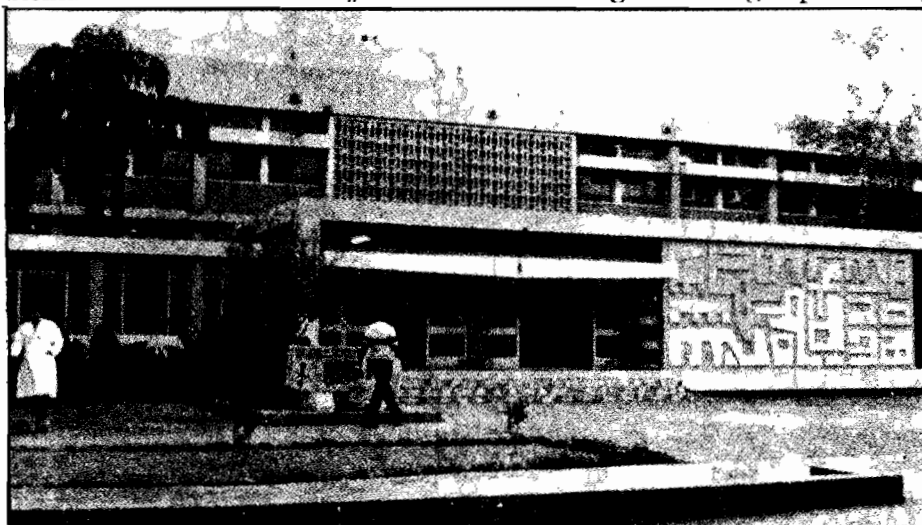
O dr. Mouzinho Mário, chefe da Divisão Pedagógica da UEM, acha que a falta de condições na carreira docente tem muito a ver com a falta de interesse dos estudantes pelo curso de professores: «É preciso valorizar-se a profissão e não só por palavras»

nos para os cursos de formação de professores».

Desse modo, como fez notar, há que se ter em conta não somente satisfazer os jovens mas de responder minimamente às capacidades de cada um e às exigências do país. «Mas de acordo com a experiência do ano passado, em 80 por cento dos casos respeitamos integralmente a escolha dos alunos».

CRITÉRIO DE SELECÇÃO

Os alunos chegam à Universidade divididos pelos vários ramos que escolheram. O ramo A, de ciências técnicas, engloba engenharia e geologia. O ramo B, de ciências biológicas e agro-pecuárias,



Fachada principal da Faculdade de Veterinária

diz respeito à medicina, agronomia, veterinária e biologia. A arquitectura é um ramo à parte oE. O ramo C, de ciências sociais, está reduzido à economia.

O engenheiro Carmo Vaz, director da Faculdade de Engenharia, espera este ano receber 140 alunos, menos 50 do que no ano passado. «Eles preencheram os inquéritos na escola, na 11.ª classe e fizeram a sua escolha. Mas entre as suas opções e as necessidades do país há uma primeira fase de compatibilização, em que por vezes nem sempre é possível respeitar integralmente as suas escolhas. Nós temos vários critérios, mas o principal é o de seguir as classificações dos estudantes. Atendemos também a um certo equilíbrio geográfico: sabemos que as condições de ensino não são as mesmas em todas as escolas pré-universitárias e os estudantes nem todos são igualmente favorecidos. Atendemos também a factores como idade, origem social para certo tipo de cursos, problemas de defeitos físicos, coisas assim. É de facto um trabalho complexo e moroso, que de certa maneira justifica a necessidade de contarmos com tempo suficiente antes do início do ano lectivo. A selecção é feita por uma comissão a nível do Ministério da Educação, na qual a Universidade está integrada. A seguir à divisão por ramos, há o chamado ciclo de obser-

vação, no qual os estudantes têm a possibilidade de decidir melhor o curso que querem seguir. Há sempre imensos a escolher medicina, na engenharia preferem electrotécnica, e assim por diante. Então, por meio de conversas e discussões, tentamos ajustar, reorientar o aluno».

ENGENHARIA REAJUSTAMENTO

O engenheiro Carmo Vaz explica que a Engenharia é uma das maiores Faculdades da UEM, senão a maior: está com cerca de 500 alunos — fora os que vão entrar este ano — e 50 professores. Como em todas as outras Faculdades, este ano haverá menos alunos novos: o Chamamento da Pátria levou muitos jovens a trocar as aulas pelos quartéis.

O curso de engenharia está dividido em 4 áreas, que são as de engenharia civil e as de electrotécnica, as de engenharia mecânica e a química. Dentro do curso de engenharia electrotécnica, que é o que mais atrai os estudantes, uma parte está virada para as telecomunicações, computação e controlo automático e outra para a produção e distribuição de energia eléctrica.

Para o ano será aberto também o curso de engenharia de minas.

O director explica ainda que as alterações curriculares foram



grandes, na sua Faculdade e que os trabalhos de reajustamento de cursos estão a ser feitos a nível interno e a nível central. «Verificou-se a necessidade de um contacto maior com o sector produtivo para ajustamento dos profissionais às necessidades do país». O que nem sempre é fácil, posto que a engenharia civil deveria trabalhar fora da cidade, porque as indústrias que existem e que funcionam o fazem num ritmo reduzido. E ainda também porque o período de sobreposição do currículo antigo com o actual provoca situações difíceis, que necessitam de reajustamento».

DOCENTES MOÇAMBICANOS

O bacharel Carlos Alberto Natividade é o chefe da Divisão do Corpo Docente da UEM. Todos os assuntos que digam respeito ao recrutamento, política de desenvolvimento e promoção académica do corpo docente caem na sua alçada. «Neste momento temos 220 docentes estrangeiros e 160 nacionais



Estudantes durante as AJU — uma actividade que, nos últimos anos tem estado limitada à cidade de Maputo



— diz . O corpo docente da nossa Universidade é composto por professores, assistentes e monitores».

Os docentes nacionais são escolhidos entre os recém-graduados «de acordo com critérios de qualidade de formação julgados em termos de rendimento obtido pelo estudante e por outras qualidades de âmbito social, moral e político. Pode-se dizer que contratamos docentes nacionais a um ritmo de 8 ou 9 por ano».

Conforme explicou, os melhores alunos do terceiro ano são contratados para uma etapa prévia de monitorado, em que fazem trabalhos de laboratório, colaboram em aulas práticas e apoiam os professores titulares. «Sempre em tarefas que estejam ao nível da sua formação. Adquirem experiência e já ganham o seu salário. Quando são contratados, vão para a categoria de estagiários. Depois, para assistentes, são promovidos por avaliação. As promoções são quase de 100 por cento, o que demons-

Número de alunos matriculados

	1986	1985
Engenharia	140	190
Agricultura	80	87
Medicina	30	51
Arquitectura	30	a)
Economia	60	60 b)
Geologia	20	29
Biologia	20	31
Veterinária	25	30

Cursos prioritários em 1985: Agronomia, Engenharia, Medicina.

a) Não existia.

b) Não tem espaço para aceitar mais alunos.

tra um saldo altamente positivo da experiência».

«Começamos a ter professores moçambicanos com classificações científicas avançadas — diz o engenheiro Carmo Vaz. Temos já três doutorados em engenharia e este ano iremos ter mais dois. A nossa política é de tentar criar um corpo docente moçambicano em quantidade e qualidade, para não estarmos tão dependentes do estrangeiro».

O dr. Natividade adianta que

desde o início da Universidade, em 1 de Maio de 1976 até fins do ano passado houve já 41 licenciaturas de moçambicanos no estrangeiro e ainda 16 mestrados e 12 doutoramentos. Dentro do país, 20 docentes com graus de bacharel (3.º ano) obtiveram grau de licenciatura, na área de ciências.

O bacharelato, porém, acabou: pela nova reestruturação curricular, todos os cursos passam a ter 5 anos, menos o de Medicina, que tem 7. □